

IMPORTANTÍSSIMO 19-10-

A NOTÍCIA nem ao menos saiu em todos os jornais, mas pode ser tão importante como o lançamento do satélite russo. Desta vez a palma cabe aos cientistas ingleses. Eles anunciam que descobriram um método que permite utilizar a energia termonuclear para fins industriais, isto é, aproveitar para fins pacíficos a potência da bomba de hidrogênio, que é 1.000 a 2.500 vezes maior que a da bomba atômica.

O telegrama diz que Sir John Cockcroft, diretor do Centro de Pesquisas de Harwell, está a caminho dos Estados Unidos para explicar aos cientistas norte-americanos o processo descoberto pelos seus colaboradores, especialmente por Donald Fry e Peter Thonemann.

Esse Sir John Cockcroft foi o chefe da delegação britânica à Conferência Atômica de Genebra de 1955. Nessa conferência o dr. Homi Bhabha declarou: «Ouso prever que no decorrer dos próximos vinte anos será encontrado um método que permitirá libertar a energia de fusão de uma forma controlada. Nessa ocasião o problema energético do mundo terá sido resolvido de maneira definitiva, porque o combustível será tão abundante como o hidrogênio dos oceanos».

Na sessão de 19 de agosto de 1955, Sir John Cockcroft comentou um tanto irônicamente:

«Quisera poder anunciar esta noite a data em que se realizará essa brilhante esperanzada produção de energia elétrica pela fusão nuclear. Prosseguimos ativamente as pesquisas nesse caminho, na Grã-Bretanha, mas a minha faculdade de antecipação não é suficientemente penetrante. Não tenho a mesma desenvoltura do nosso presidente dr. Bhabha...»

No dia seguinte o chefe da delegação russa, professor D. V. Skobeltzin, declarou que os cientistas russos estavam trabalhando também para domesticar a energia proveniente da fusão nuclear. O mesmo se sabia a respeito dos Estados Unidos, isso porque o processo de fusão de elementos leves (hidrogênio puro, deuterium e tritium) tem sobre o processo de fissão, ou fragmentação, de elementos pesados (como o urânio) vantagens imensas: produz muito mais energia, custa espantosamente menos e elimina o perigo dos detritos radioativos. O sábio russo W. Romadine para mostrar a potência da fusão termonuclear disse:

«Se fôr colocado um quilo desse combustível nuclear (o hidrogênio) debaixo de uma montanha piramidal de um quilômetro de altura e tendo por base um quadrado de um quilômetro de lado, a explosão desse combustível projetará essa montanha, de um bilhão de toneladas, a 65 metros de altura!».

Para dar uma idéia do interesse com que os sábios russos (e os outros também, naturalmente) estavam procurando resolver o problema, vão estas palavras do sábio soviético A. Kitaigorodski:

«Se fôr encontrado um processo para realizar a reação termonuclear, poder-se-á inscrever na ordem do dia a transformação da superfície do globo e a modificação do clima. A extrema concentração do combustível nuclear permite cogitar da criação de um cinturão de pilhas atômicas funcionando, por exemplo, na zona de congelação perpétua e fornecendo diariamente uma quantidade de calor comparável à que trazem os raios do sol. As reservas praticamente inesgotáveis de energia nuclear ajudarão os homens a fundir os gelos dos oceanos e irrigar os desertos».

A coisa, como se está vendo, não é brincadeira. Quando li o telegrama de ontem fui reter o livro «O átomo unirá o mundo?», de Angelos Angelopoulos (1), e de lá extrai as citações acima.

Não pretendo fazer cair as ações da Light nem atrapalhar a construção das usinas de Furnas, Três Marias ou Caraguatubá. Mas a verdade é que a descoberta inglesa tornará em pouco tempo as atuais usinas atômicas da Rússia, dos Estados Unidos e da própria Inglaterra monstros obsoletos da pré-história da era atômica. E nós que temos nesses centros de cultura atômica dois ou três rapazes estudando quando só nos Estados Unidos a Índia tem mais de 10.000! Vamos trabalhar com a cabeça?

(1) — Tradução de Raul Lima. Edições Financeiras S.A. — Rua Debret, 23, sala 1.107 — Rio.